

Relações de gênero e o repensar do fazer teológico tradicional: uma proposta da teologia feminista

Maristela Moreira de Carvalho

Mestranda em História – UFSC, bolsista CAPES

GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal.** Trad. Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

Ivone Gebara, religiosa e doutora em Filosofia, pela PUC de São Paulo, e em Ciências Religiosas, pela Universidade de Louvain, é um dos expoentes no que diz respeito ao diálogo entre teologia e feminismo na América Latina e no Brasil. Em busca desse diálogo, na verdade há muito Gebara romperá alguns silêncios, e um exemplo disso pode ser ilustrado a partir de uma entrevista concedida à revista *Veja*, em 06 de outubro de 1993, onde expõe, numa declaração polêmica, sua posição quanto à descriminalização do aborto – questões sobre as quais foi levada a refletir em função de seu convívio com mulheres pobres e carentes de Camaragibe, no Recife¹. Se por um lado foi rompido o silêncio sobre a realidade das mulheres de Camaragibe – retrato do cotidiano de milhares de mulheres pobres em todo o mundo – por outro lado, após essas declarações, lhe foi imposto um outro silêncio, marcado pelo signo da repreensão, do “castigo” determinado pela hierarquia da Igreja Católica.

O trabalho de Gebara deve ser entendido como inserido numa discussão que algumas teólogas, tanto católicas quanto protestantes, têm realizado acerca de determinados pressupostos da tradição cris-

tã, sob a luz dos debates propostos pelo movimento feminista que, mais especificamente desde a década de 80 no Brasil, têm possibilitado outros olhares para o fazer teológico. Seu nome figura entre o de outras mulheres que têm buscado estes novos debates e olhares, como, por exemplo, a teóloga Uta Ranke-Heinemann², a socióloga católica Maria José F. Rosado Nunes³, a teóloga protestante Tânia Sampaio⁴, entre outras, cujas vozes, muitas vezes, ecoam por aquelas que não são ouvidas em sua luta cotidiana contra a opressão, as desigualdades e as dores; enfim, as que sentem mais de perto o peso das injustiças de uma sociedade marcada por imagens, muitas das quais construídas pelo fazer teológico tradicional.

Dentre os artigos e livros de Ivone Gebara, podem ser citados alguns, como a publicação da Editora Vozes, em 1981, intitulada “A mulher faz Teologia”, “A dimensão feminina na luta dos pobres”, publicado, em 1985, na *Revista Eclesiástica Brasileira*, “Desafios que o movimento feminista e a teologia feminista lançam à sociedade e à Igreja”, de 1987, em *Estudos Teológicos*, “As incômodas filhas de Eva na Igreja da América Latina”, de 1989, e “Trindade: palavra sobre coisas velhas e novas: uma perspectiva ecofeminista”, de 1994, sendo os dois últimos uma publicação das edições Paulinas⁵.

“Rompendo o Silêncio: uma fenomenologia feminista do mal”, cujo título original é *Le mal au féminin*, mais uma vez coloca Gebara na arena das discussões feministas sobre a teologia e seus conceitos. Por essa obra perpassam o cotidiano, a opressão, as injustiças, enfim, “o mal”, que é analisado através de testemunhos, romances, depoimentos, enfim, presente e perceptível em experiências de mulheres nas mais diversas situações e temporalidades. Um mal – destaca – sobre cuja existência ela não busca refletir, mas ao qual visa compreender e interpretar. Aquele que se entranha tanto no dia-a-dia quanto nas instituições e estruturas sociais e que é sofrido, vivido e sentido, principalmente pelas mulheres, através de situações ligadas ao “ter”, ao “poder”, ao “valer” e à “cor da pele”. Um mal não escolhido, ora visto como “desígnio de Deus, castigo...” (p. 27), que muitas vezes nem é percebido como tal e que vem sendo, ao longo da história, interpretado sob a perspectiva de um olhar masculino e universalizante.

Mais do que trazer essa discussão, Ivone Gebara transporta para sua obra um importante instrumento de análise: a categoria de gênero. Utilizando como referencial nomes como Simone de Beauvoir, Joan Scott, Julia Kristeva, Elisabeth Badinter, entre outros, o seu objetivo é não só questionar e compreender o “mal vivido no feminino”, mas também colocar em pauta o papel da teologia tradicional na construção do mal, construção esta perpassada por “uma metafísica caracterizada por um dualismo hierárquico e masculino”(p. 30). Assim, a categoria gênero, introduzida na teologia principalmente a partir das norte-americanas, é utilizada como “instrumento hermenêutico” para analisar a vivência do mal a partir de testemunhos, de histórias de vida, da literatura e de interpretações teológicas.

Seu livro encontra-se dividido em cinco capítulos, que por sua vez possuem diversos subcapítulos. No primeiro, “A fenomenologia do mal no feminino”, a autora situa o conceito de fenomenologia (onde deixa clara a influência de Paul Ricoeur), que é utilizado em seu trabalho como método de análise das experiências de algumas mulheres, permitindo a percepção do mal em sua multiplicidade. Esse capítulo é tecido a partir de diferentes histórias que ilustram, a título de exemplo, a busca de dignidade e reconhecimento pelas mulheres pobres; a experiência cotidiana que deixa exposto, entre outras questões, o corpo explorado, faminto, doente, espancado, distante das preocupações econômicas e dos “apocalipses religiosos” (p. 55), situado numa sociedade pautada em relações hierárquicas, brancas e masculinas; além do “desejo de saber”, saber como um lugar do masculino, muitas vezes invadido – como no caso de Irmã Joana Inês da Cruz, no século XVII – por mulheres que ousavam transgredir e que por isso, por diversas vezes, foram punidas.

É interessante, nesse primeiro capítulo, além dos relatos citados acima e dos que não foram citados, a exposição que a autora faz de sua própria história. Denominando seu discurso como sendo semelhante a uma “crônica pessoal” ou “autobiografia”, além de mostrar os diferentes males que perpassaram o seu caminho, ilustra a importância da subjetividade, da emoção e da sensibilidade como importantes mediações para todo conhecimento que se al-

meje. Dentre os males que viveu, e que imprimem uma marca específica à sua produção e sua trajetória teórica, destaca o de mal de ser mulher e teóloga feminista da libertação, entre outros.

A hermenêutica do gênero ocupa um lugar mais detalhado no segundo capítulo, “Compreender o mal pela hermenêutica do Gênero”, em que faz uma incursão pelo significado histórico desse conceito, ainda tão pouco utilizado em teologia. Segundo a autora, a utilização do Gênero (sempre é bom destacar, grafado em maiúsculas) possibilita observar, entre outras coisas, o que ela denomina de “questão teopolítica”, já que permite questionar as “conseqüências históricas induzidas pelos discursos teológicos” (p. 106). De acordo com Gebara, esta categoria permite às teologias feministas a desconstrução da “teologia patriarcal”, baseada em estruturas hierárquicas e dualistas, buscando a construção de uma teologia “mais inclusiva”, ampliando a concepção do masculino e do feminino e visando superar o universalismo do discurso masculino. E é nesse sentido que a intermediação do Gênero possibilitou – e possibilita – um novo olhar, um olhar crítico para o fazer teológico, as imagens sobre os quais ele se constrói e aquelas que são por ele construídas.

Nos últimos três capítulos, Gebara centra suas reflexões no mal praticado pelas mulheres, bem como na particularidade da vivência feminina da salvação e de Deus. O capítulo terceiro traz um ponto interessante, que é a postura da autora em salientar a não-vitimização das mulheres, as quais, conforme comenta, por diversas vezes, são reprodutoras de um modelo de exclusão e inferiorização. Para tanto, toma como exemplo as cafetinas e as mães superiores, mostrando como estas reproduzem, em seus espaços, normas do que intitula de “sistema patriarcal”, por vezes tornando-se porta-vozes das instituições masculinas.

No tocante à experiência de salvação e de Deus para as mulheres, presente nos capítulos quarto e quinto, Gebara propõe o questionamento e a relativização das metáforas de salvação, assim como de perdição, bem como da imagem e da relação das mulheres com Deus. Ela situa na dinâmica cultural e social do gênero tanto o conceito quanto a vivência da salvação e de Deus, propon-

do a desconstrução da simbologia masculina do catolicismo oficial, pondo em xeque o “discurso universalista masculino”, discurso de poder, e propondo o repensar de determinados conceitos dados pela tradição religiosa.

Duas observações se fazem importantes sobre a sua obra. Primeira, embora vez por outra as histórias e testemunhos presentes no primeiro capítulo sejam retomados, esses deveriam ser mais explorados ao longo dos demais capítulos e das reflexões que esses propõem. Em determinados momentos, os personagens escolhidos para vivificar o seu trabalho, através de suas experiências cotidianas, parecem se esvanecer em meio a outras discussões que não deixam de ser importantes, mas que parecem caracterizar uma quebra em suas propostas iniciais. Outro ponto a ser observado é a utilização freqüente que a teóloga faz do conceito de “patriarcado”, conceito esse utilizado para explicar a estrutura institucional da dominação masculina, mas que tem sido questionado por algumas discussões sobre o Gênero. O conceito de patriarcado, segundo essas discussões, choca-se com os debates que envolvem as desigualdades sociais de gênero, já que se situa na diferença sexual, refletindo muitas vezes um determinismo que acaba por não dar conta das possíveis negociações, os câmbios de gênero e as práticas que destoam e que burlam as regras impostas⁶.

Para finalizar, Gebara reforça a proposta que transita pelo seu texto desde as suas primeiras linhas, qual seja a de “re-teologização” e a “re-filosofia” de determinadas questões, sob a perspectiva de novos olhares e através da utilização de categorias de análise que buscam a desconstrução de teorias calcadas em um universalismo totalizante, propondo, entre outros, a “feminização” de alguns conceitos teológicos. Além das discussões que levanta, o seu trabalho evidencia uma questão bastante atual, ou seja, a inserção, no estudo das religiões, de novas categorias de análise, como a que enfoca as relações de gênero. Porém, é interessante destacar, a autora não deixa de levar em conta também outras relações, como as relações de classe e de raça. Ademais, ela não reproduz o que poderia ser entendido como um discurso teológico feminista universal, mas, ao contrário, constantemente remete à existência de “teologias femi-

nistas”, apontando para a sua pluralidade ao mesmo tempo em que salienta a sua especificidade, dada a partir do local de onde ela fala.

No mais, a obra de Ivone Gebara caracteriza-se, acima de tudo, pelo desejo de rompimento não só de um silêncio imposto às vozes femininas no âmbito das instituições religiosas cristãs, mas também o rompimento da naturalização de determinadas posturas, apontando para a imposição de papéis que são infligidos às mulheres e que são naturalizados, pelas práticas teológicas discursivas e não-discursivas, como parte de seus “incontestáveis destinos”.

Notas

1. REVISTA Veja de 06 de outubro de 1993.
2. RANKE – HEINEMANN, Uta. **Eunucos pelo reino de Deus: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1996.
3. NUNES, Maria José F. Rosado. A discussão atual na Igreja Católica sobre o aborto. **Revista Quinzena** n. 6, dez/1993.
4. SAMPAIO, Tânia Maria V. **A mulher e o ministério ordenado nas Igrejas cristãs**. Curso de verão. São Paulo: Paulinas, ano 3, nº 3, 1989.
5. Cf. ROHDEN, Fabíola. Catolicismo e protestantismo: o feminismo como uma questão emergente. In: **Cadernos Pagu** (8/9) 1997, pp. 51-97. Este artigo aponta algumas das obras citadas acima, além de contextualizar a questão do feminismo e sua relação com a teologia tanto católica quanto protestante.
6. Sobre patriarcado ver: ROWBOTHM, Scheila. **Lo malo del patriarcado**. In: SAMUEL, Raphael. **Historia popular y teoría socialista**. Barcelona: Cúbica, 1984.